

A Cura do Sofrimento e O Olhar Interior



Silva

Silo

A Cura do Sofrimento e O Olhar Interior

Cura do Sofrimento
O Olhar Interior
© Silo

Compiler: Mario Gazel Rojas

ISBN: 978-9930-529-83-6

Edição e impressão digital:
EdiNexo E.I.R.L
San Jose, Costa Rica,

Segunda edição, novembro 2016
www.signewords.com

CONTEUDO

Nota à presente edição.....	5
A Cura do Sofrimento	6
Arenga 7	
Notas: 13	
O Olhar Interior.....	15
I. A MEDITAÇÃO.....	16
II. DISPOSIÇÃO PARA COMPREENDER.....	17
III. O SEM-SENTIDO.....	17
IV. A DEPENDÊNCIA	19
V. SUSPEITA DO SENTIDO	21
VI. SONO E DESPERTAR	21
VII. PRESENÇA DA FORÇA.....	22
VIII. CONTROLE DA FORÇA	23
IX. MANIFESTAÇÕES DA ENERGIA	25
X. EVIDÊNCIA DO SENTIDO	27
XI. O CENTRO LUMINOSO	28
XII. AS DESCOBERTAS	29
XIII. OS PRINCÍPIOS.....	30
XIV. O GUIA DO CAMINHO INTERIOR.....	33
XV. A EXPERIÊNCIA DE PAZ E A PASSAGEM DA FORÇA.....	36
XVI. PROJEÇÃO DA FORÇA	40
XVII. PERDA E REPRESSÃO DA FORÇA	42
XVIII. AÇÃO E REAÇÃO DA FORÇA	44
XIX. OS ESTADOS INTERIORES	45
XX. A REALIDADE INTERIOR	51
NOTAS	53
A Mensagem	57
Antecedentes de A Mensagem.....	57
O antecedente de A Arenga A Cura do Sofrimento.....	59
O antecedente do livro O Olhar Interior.....	61
Sobre o autor.....	63

Nota à presente edição

A impressão em um só volume da arenga, “A Cura do Sofrimento” e do livro *O Olhar Interior*, ambas as obras do pensador latino-americano Mario Luis Rodríguez Cobos, Silo, (6 de janeiro de 1938 a 16 de setembro de 2010), inspirou-se nas explicações dadas pelo próprio Silo, ao apontar como antecedentes de seu livro *A Mensagem de Silo*, as obras mencionadas: a arenga “A Cura do Sofrimento” e o livro *O Olhar Interior*.

A Cura do Sofrimento foi extraída do livro *Fala Silo* e *O Olhar Interior* do livro *Humanizar a Terra*, ambas publicadas na Coleção Novo Humanismo.

Eduardo Monge

Centro de Estudos

Parques de Estudo e Reflexão *Las Nubes*

Costa Rica, 2014.

A Cura do Sofrimento

Punta de Vacas, Mendoza , Argentina,

4 de mayo de 1969

Arenga

Se vieste escutar um homem de quem se supõe se transmite a sabedoria, erraste o caminho, porque a real sabedoria não se transmite através de livros nem de arengas; a real sabedoria está no fundo de tua consciência como o amor verdadeiro está no fundo do seu coração.

Se vieste empurrado pelos caluniadores e pelos hipócritas a escutar este homem a fim de que o que escutas te sirva depois como argumento contra ele, erraste o caminho porque este homem não está aqui para te pedir nada, nem para te usar, porque não precisa de você.

Escutas a um homem desconhecedor das leis que regem o Universo, desconhecedor das leis da História, ignorante das relações que regem os povos. Este homem dirige-se a tua consciência a muita distância das cidades e de suas ambições enfermas. Ali nas cidades, onde cada dia é um afã truncado pela morte, onde ao amor substitui o ódio, onde ao perdão substitui a vingança; ali nas cidades dos homens ricos e pobres; ali nos imensos campos dos homens, posou-se um manto de sofrimento e de tristeza.

Sofres quando a dor morde o teu corpo. Sofres quando a fome se apodera de teu corpo. Mas não somente sofres pela dor imediata de teu corpo, pela fome de teu corpo. Mas também, sofres pelas consequências das enfermidades de teu corpo.

Deves distinguir dois tipos de sofrimento. Existe um sofrimento que é produzido em ti mercê à enfermidade (e esse sofrimento pode retroceder graças ao avanço da ciência, assim como a fome pode retroceder, mas graças ao império da justiça). Há outro tipo de sofrimento que não depende da enfermidade de teu corpo, mas que deriva dela: se estás impedido, se não podes ver ou se não ouves, sofres; mas ainda que este sofrimento derive do corpo ou das enfermidades de teu corpo, tal sofrimento é de sua mente.

Existe um tipo de sofrimento que não pode retroceder frente ao avanço da ciência nem frente ao avanço da justiça. Esse tipo de sofrimento, que é estritamente de tua mente, retrocede frente à fé, frente à alegria de viver, frente ao amor. Deves saber que este sofrimento está sempre baseado na violência que existe em tua própria consciência. Sofres porque temes perder o que tens, ou pelo que já perdeste, ou pelo que desesperas alcançar. Sofres porque não tens, ou porque sentes temor em geral... Eis aí os grandes inimigos do homem: o temor à enfermidade, o temor à pobreza, o temor à morte, o temor à solidão. Todos estes são sofrimentos próprios de tua mente; todos eles delatam a violência interna, a violência que existe em tua mente. Observe que essa violência deriva sempre do desejo. Quanto mais violento é um homem, mais grosseiros são seus desejos.

Gostaria de te propor uma história que aconteceu há muito tempo.

Existiu um viajante que teve que fazer uma longa travessia. Então, atou seu animal a uma carroça e

empreendeu uma longa marcha para um destino distante e com um limite fixo de tempo. Ao animal lhe chamou “Necessidade”, à carroça “Desejo”, a uma roda a chamou “Prazer” e à outra “Dor”. Assim então, o viajante levava sua carroça para a direita e esquerda, mas sempre para seu destino. Quanto más velozmente andava a carroça, mais rapidamente se moviam as rodas do Prazer e da Dor, unidas como estavam pelo mesmo eixo e transportando como estavam a carroça do Desejo. Como a viagem era muito longa, nosso viajante aborrecia-se. Decidiu então decorá-la, ornamentá-la com muitas belezas, e assim foi fazendo-o. Mas, quanto mais embelezou a carroça do Desejo, mais pesado se fez para a Necessidade. De tal maneira que nas curvas e nas ladeiras empinadas, o pobre animal desfalecia não podendo arrastar a carroça do Desejo. Nos caminhos arenosos as rodas do Prazer e do Sofrimento se incrustavam no solo. Assim, o viajante se desesperou um dia porque era muito longo o caminho e estava muito longe de seu destino. Decidiu meditar sobre o problema essa noite e, ao fazê-lo, escutou o relincho de seu velho amigo. Compreendendo a mensagem, na manhã seguinte desfez a ornamentação da carroça, aliviou-o de seus pesos e muito cedo levou seu animal a trote, avançando para seu destino. Entretanto, havia perdido um tempo que já era irrecuperável. Na noite seguinte voltou a meditar e compreendeu, por um novo aviso de seu amigo, que tinha agora que empreender uma tarefa duplamente difícil, porque significava seu desprendimento. Muito de madrugada sacrificou a carroça do Desejo. É verdade que ao fazê-lo perdeu a

roda do Prazer, mas com ela perdeu também a roda do Sofrimento. Montou sobre o animal da Necessidade, sobre seus lombos, e começou a galopar pelas verdes pradarias até chegar a seu destino.

Veja como o desejo pode te encurralar. Existem desejos de diferentes qualidades. Existem desejos mais grosseiros e existem desejos mais elevados. Eleva o desejo, supera o desejo, purifica o desejo! Que haverás certamente de sacrificar com isso a roda do prazer, mas também a roda do sofrimento. A violência no homem, movida pelos desejos, não fica só como enfermidade na sua consciência, mas também atua no mundo dos outros homens exercendo-se com o resto das pessoas. Não creias que falo de violência referindo-me somente ao fato armado da guerra, onde uns homens destroçam outros homens. Essa é uma forma de violência física. Existe uma violência econômica: a violência econômica é aquela que te faz explorar outro; a violência econômica se dá quando roubas a outro, quando já não eres irmão do outro, senão que eres ave de rapina para teu irmão. Também existe uma violência racial: acreditas que não exercitas a violência quando persegues a outro que é de uma raça diferente da tua, acreditas que não exerces violência quando o difamas, por ser de uma raça diferente da tua? Existe uma violência religiosa: acreditas que não exercitas a violência quando não dás trabalho, ou fechas as portas, ou demites alguém, por não ser de tua mesma religião? Acreditas que não é violência cercar aquele que não comunga com teus princípios através da difamação; cercá-lo em sua família, cercá-lo entre seus entes queridos, porque não comunga com tua

religião? Existem outras formas de violência que são as impostas pela moral filisteia. Queres impor tua forma de vida a outro, tu deves impor tua vocação a outro... Mas, quem te disse que eres um exemplo que deve ser seguido? Quem te disse que podes impor uma forma de vida porque a ti te satisfaz? Onde está o molde e onde está o tipo para que tu o imponhas?... Eis aqui outra forma de violência. Unicamente podes acabar com a violência em ti e nos outros e no mundo que te rodeia, pela fé interior e pela meditação interior. Não existem portas falsas para acabar com a violência. Este mundo está por explodir e não há meditação interna. Não há portas falsas para acabar com a violência. Este mundo está por explodir e não há forma de acabar com a violência! Não busques portas falsas! Não há política que possa solucionar este afã de violência enlouquecido. Não existe partido nem movimento no planeta que possa acabar com a violência. Não existem falsas saídas para a violência no mundo... Dizem-me que as pessoas jovens em diferentes latitudes estão procurando portas falsas para sair da violência e do sofrimento interno. Buscam a droga como solução. Não procures falsas portas para acabar com a violência.

Meu irmão: cumpre com mandatos simples, como são simples estas pedras e esta neve e este sol que nos bendiz. Leva a paz em ti e levá-la aos outros. Meu irmão: lá na história está o ser humano mostrando o rastro do sofrimento, olha esse rosto do sofrimento... mas recorda que é necessário seguir adiante e que é necessário aprender a rir e que é necessário aprender a amar.

A ti, meu irmão, lanço esta esperança, esta esperança de alegria, esta esperança de amor para que eleves teu coração e eleves teu espírito, e para que não esqueças elevar teu corpo.

Notas:

1. *A ditadura militar da Argentina tinha proibido a realização de qualquer ato público nas cidades. Portanto, escolheu-se uma paragem desolada, conhecida como Punta de Vacas, nos limites do Chile e da Argentina. Desde muito cedo as autoridades controlaram as rotas de acesso. Distinguiam-se ninhos de metralhadoras, veículos militares e homens armados. Para ter acesso era necessário apresentar documentação e dados pessoais, o que criou alguns conflitos com a Imprensa internacional. Em um magnífico cenário de montes nevados, Silo começou sua alocução perante um auditório de duzentas pessoas. O dia era frio e ensolarado. Por volta das 12 horas tudo tinha acabado.*
2. *Esta é a primeira intervenção pública de Silo. Em um envoltório mais ou menos poético explica-se que o conhecimento mais importante para a vida (“a real sabedoria”), não coincide com o conhecimento de livros, de leis universais, etc., mas sim que é uma questão de experiência pessoal, íntima. O conhecimento mais importante para a vida se refere à compreensão do sofrimento e sua superação.*

A seguir é exposta uma tese muito simples, em várias partes: 1. Começa-se por distinguir entre a dor física e seus derivados, sustentando que podem retroceder graças ao avanço da ciência e da justiça, à diferença do sofrimento mental que não

pode ser eliminado por elas; 2. Sofre-se por três vias: a da percepção, a da lembrança e a da imaginação; 3. O sofrimento delata um estado de violência; 4. A violência tem por raiz o desejo; 5. O desejo tem diferentes graus e formas. Atendendo a isto (“pela meditação interna”) pode-se progredir. Assim: 6. O desejo (“quanto mais grosseiros são os desejos”) motiva a violência que não fica no interior das pessoas, mas que contamina o meio de relação; 7. Observam-se diferentes formas de violência e não somente a primária que é a violência física; 8. É necessário contar com uma conduta simples que oriente a vida (“cumpra com mandatos simples”): apreender a levar a paz, a alegria e principalmente a esperança.

Conclusão: a ciência e a justiça são necessárias para vencer a dor no gênero humano. A superação dos desejos primitivos é imprescindível para vencer o sofrimento mental.

O Olhar Interior

I. A MEDITAÇÃO

1. Aqui se conta como se converte ao sem-sentido da vida em sentido e plenitude.
2. Aqui há alegria, amor ao corpo, à natureza, à humanidade e ao espírito.
3. Aqui se renegam os sacrifícios, o sentimento de culpa e as ameaças de pós-túmulo.
4. Aqui não se opõe o terreno ao eterno.
5. Aqui se fala da revelação interior à que chega todo aquele que cuidadosamente medita em humilde busca.

II. DISPOSIÇÃO PARA COMPREENDER

1. Sei como te sentes, porque posso experimentar teu estado, mas tu não sabes como se experimenta o que digo. Por conseguinte, se te falo com desinteresse daquilo que faz o ser humano feliz e livre, vale a pena que tentes compreender.
2. Não penses que vais compreender discutindo comigo. Se acreditas que contrariando isto, teu entendimento se aclara podes fazê-lo, mas não é esse o caminho que corresponde neste caso.
3. Se me perguntas qual é a atitude que convém, eu te direi que é a de meditar em profundidade e sem pressa o que te explico aqui.
4. Se replicas que tens coisas mais urgentes com que te ocupar, responderei que sendo teu desejo dormir ou morrer, não farei nada para me opor.
5. Tampouco, não argumentes que te desagrada meu modo de apresentar as coisas, porque não falas isso da casca quando te agrada o fruto.
6. Exponho do modo que me parece conveniente, não do que seria desejável para aqueles que aspiram a coisas afastadas da verdade interior.

III. O SEM-SENTIDO

Em muitos dias, descobri este grande paradoxo: aqueles que levaram o fracasso em seu coração

puderam vislumbrar o último triunfo, aqueles que se sentiram triunfadores ficaram no caminho como vegetais de vida difusa e apagada. Em muitos dias, cheguei eu à luz desde as obscuridades mais obscuras, guiado não pelo ensino, mas pela meditação.

Assim eu me disse no primeiro dia:

1. Não há sentido na vida se tudo termina com a morte.
2. Toda justificação das ações, sejam essas depreciáveis ou excelentes, é sempre um novo sonho que deixa o vazio pela frente.
3. Deus é algo incerto.
4. A fé é algo tão variável quanto a razão e o sonho.
5. “O que se deve fazer” pode se discutir totalmente e nada vem definitivamente em apoio das explicações.
6. “A responsabilidade” daquele que se compromete com algo não é maior que a responsabilidade daquele que não se compromete.
7. Movo-me segundo meus interesses e isto não me converte em covarde, mas tampouco em herói.
8. “Meus interesses” não justificam nem desacreditam nada.

9. “Minhas razões” não são melhores nem piores que as razões dos outros.
10. A crueldade me horroriza, mas não por isso e em si mesma é pior ou melhor que a bondade.
11. O dito hoje, por mim ou por outros, não vale amanhã.
12. Morrer não é melhor que viver ou não haver nascido, mas tampouco é pior.
13. Descobri não por ensino, mas pela experiência e meditação, que não há sentido na vida se tudo termina com a morte.

IV. A DEPENDÊNCIA

O segundo dia:

1. Tudo o que faço, sento e penso não depende de mim.
2. Sou variável e dependo da ação do meio. Quando quero mudar o meio, ou a meu “eu”, é o meio que me muda. Então, procuro a cidade ou a natureza, a redenção social ou uma nova luta que justifique

minha existência... Em cada um desses casos, o meio me leva a decidir por uma ou outra atitude. Dessa maneira, meus interesses e o meio aqui me deixam.

3. Digo então que não importa o quê ou quem decide. Digo nessas ocasiões que tenho que viver, já que estou em situação de viver. Digo tudo isto, mas não há nada que o justifique. Posso decidir-me, vacilar ou permanecer. De qualquer modo, uma coisa é melhor que outra, provisoriamente, mas não há “melhor” nem “pior” em definitiva.
4. Se alguém me diz que aquele que não come morre, eu lhe responderei que é assim, de fato, e que está obrigado a comer afligido por suas necessidades, mas não acrescentarei a isto que sua luta por comer justifica sua existência. Tampouco direi que isso seja mau. Direi, com simplicidade, que se trata de um fato individual ou coletivamente necessário para a subsistência, mas sem sentido no momento em que se perde a última batalha.
5. Também, direi que me solidarizo com a luta do pobre, do explorado e do perseguido. Direi que me sinto “realizado” com tal identificação, mas compreenderei que nada justifico.

V. SUSPEITA DO SENTIDO

O terceiro dia:

1. Às vezes, tenho me adiantado a fatos que depois aconteceram.
2. Às vezes, tenho captado um pensamento distante.
3. Às vezes, tenho descrito lugares que nunca visitei.
4. Às vezes, tenho contado com exatidão o que aconteceu em minha ausência.
5. Às vezes, uma alegria imensa tem me sobressaltado.
6. Às vezes, uma compreensão total tem me invadido.
7. Às vezes, uma comunhão perfeita com tudo tem me extasiado.
8. Às vezes, tenho rompido meus sonhos e visto a realidade de um novo modo.
9. Às vezes, tenho reconhecido como visto novamente algo que via pela primeira vez.

...E tudo isso tem me dado o que pensar. Dou-me boa conta de que, sem essas experiências, não poderia ter saído do sem-sentido.

VI. SONO E DESPERTAR

O quarto dia:

1. Não posso tomar por real o que vejo em meus sonhos, tampouco o que vejo em semissono, tampouco o que vejo desperto, mas sonhando.
2. Posso tomar por real o que vejo desperto e sem sonho. Isso não fala do que registram meus sentidos, mas das atividades de minha mente quando se referem aos “dados” pensados. Porque os dados ingênuos e duvidosos são entregues pelos sentidos externos e também pelos internos, e também pela memória. O válido é que minha mente sabe disso quando está desperta e o crê quando está adormecida. Raramente percebo o real de um modo novo e, então, compreendo que o visto normalmente se parece ao sonho ou se parece ao semissono.

Há uma forma real de estar desperto: é a que me levou a meditar profundamente sobre o dito até aqui e é, também, a que me abriu a porta para descobrir o sentido de todo o existente.

VII. PRESENÇA DA FORÇA

O quinto dia:

1. Quando estava realmente desperto, ia escalando de compreensão em compreensão.
2. Quando estava realmente desperto e me faltava vigor para continuar na ascensão podia extrair a Força de mim mesmo. Ela estava em todo meu corpo. Toda a energia estava até nas menores células de meu corpo. Esta energia circulava e era mais veloz e intensa que o sangue.
3. Descobri que a energia estava concentrada nos pontos de meu corpo quando estes atuavam e se ausentava quando neles não havia ação.
4. Durante as enfermidades, a energia faltava ou se acumulava exatamente nos pontos afetados. Porém, se conseguia restabelecer sua passagem normal, muitas enfermidades começavam a retroceder.

Alguns povos conheceram isto e atuaram restabelecendo a energia através de diversos procedimentos hoje estranhos a nós.

Alguns povos conheceram isto e atuaram comunicando essa energia a outros. Então, foram produzidas “iluminações” de compressão e até “milagres” físicos.

VIII. CONTROLE DA FORÇA

O sexto dia:

1. Há uma forma de dirigir e concentrar a Força que circula pelo corpo.

2. Há pontos de controle no corpo. Deles depende o que conhecemos como movimento, emoção e ideia. Quando a energia atua nesses pontos são produzidas manifestações motrizes, emotivas e intelectuais.
3. Conforme a energia atue mais interna ou superficialmente no corpo, surge o sono profundo, o semissono, ou o estado de despertar... Certamente, as aureolas que rodeiam o corpo ou a cabeça dos santos (ou dos grandes), nas pinturas das religiões, aludem a esse fenómeno da energia que, em certas oportunidades, manifesta-se mais externamente.
4. Há um ponto de controle do despertar verdadeiro e há uma forma de levar a Força até ele.
5. Quando se leva a energia a esse lugar, todos os outros pontos de controle se movem de maneira alterada.

Ao entender isto e lançar a Força a esse ponto superior, todo meu corpo sentiu o impacto de uma enorme energia e ela golpeou fortemente minha consciência e ascendi de compreensão em compreensão. Mas, também observei que podia descer até as profundezas da mente, se perdia o controle da energia. Então, lembrei as lendas sobre os “céus” e os “infernos” e vi a linha divisória entre ambos os estados mentais.

IX. MANIFESTAÇÕES DA ENERGIA

O sétimo dia:

1. Essa energia em movimento podia se “independentizar” do corpo, mantendo sua unidade.
2. Esta energia unida era uma espécie de “corpo duplo” que correspondia à representação cenestésica do próprio corpo no interior do espaço de representação. Da existência deste espaço, assim como das representações que correspondiam às sensações internas do corpo, as ciências que tratavam sobre os fenômenos mentais não davam suficiente notícia.
3. A energia desdobrada (ou seja: imaginada como “fora” do corpo ou “separada” de sua base material), dissolvia-se como imagem ou representava-se corretamente dependendo da unidade interna que tivesse quem assim a operava.
4. Pude comprovar que a “exteriorização” dessa energia que representava o próprio corpo como “fora” do corpo, já se produzia a partir dos níveis mais baixos da mente. Nesses casos, acontecia que o atentado contra a unidade mais primária da vida provocava essa resposta como salvaguarda do amado. Por isso, no transe de alguns médiuns cujo nível de consciência era baixo e cuja unidade interna estava em perigo, estas respostas eram involuntárias e não reconhecidas como produzidas por eles mesmos, senão atribuídas a outras entidades.

Os “fantasmas” ou “espíritos” de alguns povos ou de alguns adivinhos não eram senão os próprios “duplos” (as próprias representações), daquelas pessoas que se sentiam tomadas por eles. Como seu estado mental estava obscurecido (em transe), por ter perdido o controle da Força, sentiam-se dirigidas por seres estranhos que às vezes produziam fenômenos notáveis. Sem dúvida que muitos “endemoniados” sofreram tais efeitos. Então, o decisivo era o controle da Força.

Isto variava por completo, minha concepção tanto da vida corrente como da vida posterior à morte. Através destes pensamentos e experiências fui perdendo fé na morte e, desde então, não acredito nela, como também não acredito no sem-sentido da vida.

X. EVIDÊNCIA DO SENTIDO

O oitavo dia:

1. A real importância da vida desperta se me fez patente.
2. A real importância de destruir as contradições internas convenceu-me.
3. A real importância de dirigir a Força, com o fim de alcançar unidade e continuidade, encheu-me de um alegre sentido.

XI. O CENTRO LUMINOSO

O nono dia:

1. Na Força estava a “luz” que provinha de um “centro”.
2. Na dissolução da energia havia um afastamento do centro e em sua unificação e evolução, um correspondente funcionamento do centro luminoso.

Não me estranhou encontrar em antigos povos a devoção pelo deus - Sol e vi que se alguns adoravam o astro porque dava vida a sua terra e à natureza, outros observaram nesse corpo majestoso o símbolo de uma realidade maior.

Houve os que foram ainda mais longe e receberam desse centro incontáveis dons, que às vezes “descenderam” como línguas de fogo sobre os inspirados, às vezes como esferas luminosas, às vezes como sarças ardentes que se apresentaram perante o crente temeroso.

XII. AS DESCOBERTAS

O décimo dia:

Poucas, mas importantes, foram minhas descobertas, que resumo deste modo:

1. A Força circula pelo corpo involuntariamente, mas pode ser orientada por um esforço consciente. O êxito de uma mudança dirigida, no nível de consciência, oferece ao ser humano um indício importante de liberação das condições “naturais” que parecem impor-se à consciência.
2. No corpo existem pontos de controle de suas diversas atividades.
3. Há diferenças entre o estado de despertar verdadeiro e outros níveis de consciência.
4. Pode-se conduzir a Força ao ponto do real despertar (entendendo por “Força” a energia mental que acompanha determinadas imagens e por “ponto” a localização de uma imagem em um “lugar” do espaço de representação).

Estas conclusões fizeram-me reconhecer nas orações dos povos antigos, o germe de uma grande verdade que se obscureceu nos ritos e práticas externas não alcançando eles desenvolver o trabalho interior que, realizado com perfeição, coloca o homem em contato com sua fonte luminosa. Finalmente, adverti que minhas “descobertas” não eram tais, mas que se deviam à revelação interior à que acede todo aquele que, sem contradições, procura a luz em seu próprio coração.

XIII. OS PRINCÍPIOS

Diferente é a atitude frente à vida e às coisas quando a revelação interna fere como um raio.

Seguindo os passos lentamente, meditando o dito e o ainda por dizer, podes converter o sem-sentido em sentido. Não é indiferente o que faças com tua vida. Tua vida, submetida a leis, está exposta ante possibilidades a escolher. Eu não te falo de liberdade. Falo-te de liberação, de movimento, de processo. Não te falo de liberdade como algo quieto, mas de se liberar passo a passo como se vai liberando do necessário caminho percorrido aquele que se aproxima da sua cidade. Então, “o que deve ser feito” não depende de uma moral distante, incompreensível e convencional, mas das leis: leis de vida, de luz, de evolução.

Eis aqui os chamados “Princípios” que podem ajudar na busca da unidade interior.

1. Ir contra a evolução das coisas é ir contra si mesmo.
2. Quando forças algo para um fim, produzes o contrário.
3. Não te oponhas a uma grande força. Regressa até que aquela se debilite, então depois avance com resolução.
4. As coisas estão bem quando andam em conjunto, não isoladamente.
5. Se para ti estão bem o dia e a noite, o verão e o inverno, superaste as contradições.

6. Se persegues o prazer te acorrentas ao sofrimento. Mas, enquanto não prejudiques tua saúde, goza sem inibição quando a oportunidade se apresenta.
7. Se persegues um fim, te acorrentas. Se tudo o que fazes o realizas como se fosse um fim em si mesmo, te liberas.
8. Farás desaparecer teus conflitos quando os entendas em sua última raiz, não quando queiras resolvê-los.
9. Quando prejudicas os demais, ficas acorrentado. Mas, se não prejudicas outros podes fazer o quanto queiras com liberdade.
10. Quando tratas os demais como queres que te tratem, te liberas.
11. Não importa de que lado os acontecimentos te tenham colocado, o que importa é que compreendas que tu não escolheste nenhum lado.
12. Os atos contraditórios ou unitivos são acumulados em ti. Se tu repetes teus atos de unidade interna, já nada poderá te deter.

Serás como uma força da Natureza que não encontra resistência à sua passagem. Apreende a distinguir aquilo que é dificuldade, problema, inconveniente, daquilo que é contradição. Se aqueles te movem ou te incitam, esta te imobiliza em círculo fechado.

Silo

Quando encontrares uma grande força, alegria e bondade em teu coração ou quando te sintas livre e sem contradições, imediatamente agradece em teu interior.

Quando te aconteça o contrário, pede com fé e aquele agradecimento que acumulaste voltará convertido e ampliado em benefício.

XIV. O GUIA DO CAMINHO INTERIOR

Se você compreendeu o explicado até aqui, já podes experimentar, mediante um simples trabalho, a manifestação da Força. Então, não é o mesmo que observes uma posição mental mais ou menos correta (como se se tratasse de uma disposição ao trabalho técnico), a que assumas um tom e uma abertura emotiva próxima à que inspiram os poemas. É por isso que a linguagem usada para transmitir estas verdades tende a facilitar essa postura que coloca com maior facilidade na presença da percepção interna, e não de uma ideia sobre a “percepção interna”.

Agora, segue com atenção o que vou explicar-te, já que trata sobre a paisagem interior que podes encontrar ao trabalhar com a Força e das direções que podes imprimir a teus movimentos mentais.

“Pelo caminho interior, podes andar obscurecido ou luminoso. Atende as duas vias que se abrem diante de ti.

Se deixas que teu ser se lance para regiões obscuras, teu corpo ganha a batalha e ele domina. Então surgirão sensações e aparências de espíritos, de forças, de lembranças. Por aí se descende mais e mais. Ali estão o Ódio, a Vingança, a Estranheza, a Possessão, os Ciúmes, o Desejo de Permanecer. Se descendes ainda mais, te invadirá a Frustração, o Ressentimento e todos

aqueles sonhos e desejos que têm provocado ruína e morte na humanidade.

Se impulsionas teu ser em direção luminosa, encontrarás resistência e cansaço a cada passo. Este cansaço da ascensão tem culpados. Tua vida pesa, tuas lembranças pesam, tuas ações anteriores impedem a ascensão. Esta escalada é difícil, em razão da ação de teu corpo que tende a dominar.

Nos passos da ascensão estão regiões estranhas de cores puras e de sons não conhecidos.

Não fujas da purificação que atua como o fogo e que horroriza com seus fantasmas.

Recusa o sobressalto e o desânimo.

Recusa o desejo de fugir para regiões baixas e obscuras.

Recusa o apego às lembranças.

Fica em liberdade interior, com indiferença para o sonho da paisagem, com resolução na ascensão.

A luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas das mil cores descem entre melodias irreconhecíveis para chapadas e campinas cristalinas.

Não temas a pressão da luz que te afasta de seu centro cada vez com maior força. Absorva-la como se fosse

um líquido ou um vento, porque nela, certamente, está a vida.

Quando na grande cadeia montanhosa encontrares a cidade escondida, deves conhecer a entrada. Mas, isto você saberá no momento em que tua vida seja transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão 'sentidas'. Nesta cidade, guarda-se o feito e aquilo por fazer... Mas a teu olho interior é opaco o transparente. Sim, os muros são impenetráveis para ti!

Toma a Força da cidade escondida. Volta ao mundo da vida densa com tua testa e tuas mãos luminosas.”

XV. A EXPERIÊNCIA DE PAZ E A PASSAGEM DA FORÇA

1. Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente. Então imagina uma esfera transparente e luminosa que, descendo até ti, termina por se alojar em teu coração. Reconhecerás nesse momento que a esfera deixa de aparecer como imagem para transformarse em sensação dentro do peito.
2. Observa como a sensação da esfera se expande devagar de teu coração para fora do corpo, ao mesmo tempo em que tua respiração se faz mais ampla e profunda. Ao chegar a sensação aos limites do corpo, podes deter ali toda operação e registrar a experiência de paz interior. Nela podes permanecer o tempo que te pareça adequado. Então, faz retroceder essa expansão anterior (chegando, como no início, ao coração) para desprender-te de tua esfera e concluir o exercício calmo e reconfortado. Chamamos este trabalho “experiência de paz”.
3. Mas, por outro lado, se quiseses experimentar a passagem da Força, no lugar de retroceder na expansão, debes aumentá-la deixando que tuas emoções e todo teu ser a sigam. Não trates de colocar tua atenção na respiração. Deixa que ela

atue por si só, enquanto segues a expansão fora de teu corpo.

4. Devo repetir-te isto: tua atenção, nesses momentos, deve estar na sensação da esfera que se expande. Se não consegues isto, convém que te detenhas e tentes em outra oportunidade. De qualquer maneira, se não produzes a passagem, poderás experimentar uma interessante sensação de paz.
5. Se, por outro lado, foste mais longe, começarás a experimentar a passagem. De tuas mãos e outras zonas do corpo te chegará um tom de sensação diferente ao habitual. Depois, perceberás ondulações progressivas e em pouco tempo, brotarão com vigor imagens e emoções. Então, deixa que se produza a passagem...
6. Ao receber a Força, perceberás a luz ou estranhos sons dependentes de teu particular modo de representação habitual. Em qualquer caso, será importante a experimentação da ampliação da consciência, cujo um dos indicadores deverá ser uma maior lucidez e disposição para compreender o que acontece.
7. Quando queiras, podes terminar com esse singular estado (se é que antes não foi se diluindo pelo simples transcorrer), imaginando ou sentindo que a

esfera se contrai e depois sai de ti, do modo em que havia chegado a começar com tudo aquilo.

8. Interessa compreender que numerosos estados alterados de consciência foram e são alcançados, quase sempre, colocando em andamento mecanismos similares aos descritos. É claro que revestidos de estranhos rituais ou, às vezes, reforçados por práticas de esgotamento, desenfreado motriz, repetição e posturas que, em todos os casos, alteram a respiração e distorcem a sensação geral do intracampo. Deves reconhecer nesse campo a hipnose, a mediunidade e, também a ação de droga que, atuando por outra via, produz alterações similares. E, certamente, todos os casos mencionados têm por signo o não controle e o desconhecimento do que acontece. Desconfia dessas manifestações e considerá-las como simples “transes” pelos quais passaram os ignorantes, os experimentadores e ainda os “santos”, segundo contam as lendas.

9. Se tens trabalhado observando o recomendado pode acontecer, no entanto, que não tenhas conseguido a passagem. Isso não se pode converter em foco de preocupação, mas em indicador de falta de “soltura” interior, o que poderia refletir muita tensão, problemas na dinâmica de imagem e, em suma,

fragmentação no comportamento emotivo... Coisa que, por outro lado, estará presente em tua vida cotidiana.

XVI. PROJEÇÃO DA FORÇA

1. Se experimentaste a passagem da Força poderás compreender como, baseando-se em fenômenos similares, mas sem nenhuma compreensão, diferentes povos colocaram em andamento ritos e cultos, que depois se multiplicaram sem cessar. Por meio de experiências do tipo já comentado, muitas pessoas sentiram seus corpos “desdobrados”. A experiência da Força lhes deu a sensação de que esta energia podiam projetá-la fora de si.

2. A Força foi “projetada” a outros e também a objetos particularmente “aptos” para recebê-la e conservá-la. Acredito que não te será difícil entender a função com que cumpriram certos sacramentos em distintas religiões e, igualmente, o significado de lugares sagrados e de sacerdotes supostamente “carregados” com a Força. Quando alguns objetos foram adorados com fé nos templos e foram rodeados de cerimônia e rito, certamente “devolveram” aos crentes a energia acumulada pela oração repetida. É uma limitação ao conhecimento do fato humano, o fato de que quase sempre tenham visto estas coisas pela explicação externa, segundo a cultura, espaço, história e tradição, quando a experiência interna básica é um dado essencial para entender tudo isto.

3. Este “projetar”, “carregar” e “restituir” a Força, voltará a ocupar-nos mais tarde. Mas, desde já te digo que

o mesmo mecanismo continua operando ainda em sociedades dessacralizadas onde os líderes e os homens de prestígio estão nimbados de uma especial representação para aquele que os vê, e gostaria até de “tocá-los”, ou apoderar-se de um fragmento de suas roupas ou de seus objetos.

4. Porque toda representação do “alto” vai desde o olho para acima da linha normal do olhar. E “altas” são as personalidades que “possuem” a bondade, a sabedoria e a força. E no “alto” estão as hierarquias e os poderes, e as bandeiras e o Estado. E nós, mortais comuns, devemos “ascender” na escala social e aproximar-nos do poder a todo custo. Que mal estamos, dirigidos ainda por esses mecanismos que coincidem com a representação interna, com nossa cabeça no “alto” e nossos pés grudados à terra. Que mal estamos, quando se crê nessas coisas (e se crê porque têm sua “realidade” na representação interna). Que mal estamos, quando nosso olhar externo, não é senão projeção ignorada do interior.

XVII. PERDA E REPRESSÃO DA FORÇA

1. As maiores descargas de energia são produzidas por atos descontrolados. Estes são: a imaginação sem freio, a curiosidade sem controle, a conversa desmedida, a sexualidade excessiva e a percepção exagerada (o olhar, ouvir, saborear, etc., de maneira desbordada e sem objetivo). Mas, também debes reconhecer que muitos procedem desse modo porque descarregam suas tensões que, de outro modo, seriam dolorosas. Considerando, estou vendo a função com que cumprem essas descargas, coniventes comigo em que não é razoável reprimilas, mas sim ordená-las.
2. Quanto à sexualidade debes interpretar corretamente isto: tal função não deve ser reprimida porque neste caso cria efeitos mortificantes e contradição interna. A sexualidade está orientada e conclui em seu ato, mas não é conveniente que continue afetando a imaginação ou buscando um novo objeto de possessão de modo obsessivo.
3. O controle do sexo por uma determinada “moral” social ou religiosa serviu a desígnios que nada tinham a ver com a evolução, mas sim com o contrário.
4. A Força (a energia da representação da sensação do intracampo) desdobrou-se para o crepuscular nas sociedades reprimidas e ali se multiplicaram os

casos de “endemoniados”, “bruxos”, sacrilégios e criminosos de toda laia, que desfrutam com o sofrimento e a destruição da vida e da beleza. Em algumas tribos e civilizações, os criminosos estiveram repartidos entre os que ajustiçaram e os ajustiçados. Em outros casos, tudo o que era ciência e progresso foi perseguido porque se opunha ao irracional, ao crepuscular e ao reprimido.

5. Em certos povos primitivos, ainda existe a repressão do sexo, bem como em outros considerados de “civilização avançada”. É evidente que, em uns e outros, o signo destrutivo é grande, ainda que nos dois casos a origem de tal situação seja distinta.
6. Se me pedes mais explicações, te direi que o sexo é na realidade santo e é o centro a partir do qual se impulsiona a vida e toda criatividade. Assim como dali também se impulsiona toda destruição, quando seu funcionamento não está resolvido.
7. Jamais acredites nas mentiras dos envenenadores da vida, quando se referem ao sexo como algo depreciável. Ao contrário, nele há beleza e não em vão está relacionado com os melhores sentimentos do amor.
8. Então, seja cuidadoso e considere-o como uma grande maravilha que se deve tratar com delicadeza, sem convertê-lo em fonte de contradição ou em desintegrador da energia vital.

XVIII. AÇÃO E REAÇÃO DA FORÇA

Expliquei-te anteriormente: “Quando encontres uma grande força, alegria e bondade em teu coração, ou quando te sentas livre e sem contradições, imediatamente agradeça em teu interior”.

1. “Agradecer”, significa concentrar os estados de ânimo positivos associados a uma imagem, a uma representação. Esse estado positivo assim ligado permite que em situações desfavoráveis, por evocar uma coisa, surja aquela que a acompanhou em momentos anteriores. Como, também, esta “carga” mental pode estar elevada por repetições anteriores, ela é capaz de desalojar emoções negativas que determinadas circunstâncias poderiam impor.
2. Por tudo isso, de teu interior voltará ampliado em benefício aquilo que pediras, sempre que houveses acumulado em ti numerosos estados positivos. E já não preciso repetir que este mecanismo serviu (confusamente) para “carregar para fora” objetos ou pessoas, ou bem entidades internas que se externalizaram, acreditando-se que atenderiam rogos e pedidos.

XIX. OS ESTADOS INTERIORES

Agora debes adquirir suficiente percepção dos estados interiores nos que podes te encontrar ao longo de tua vida e, particularmente, ao longo de teu trabalho evolutivo. Não tenho outra maneira de fazer a descrição, que com imagens (neste caso, alegorias). Estas imagens, segundo me parece, têm por virtude concentrar “visualmente” estados de ânimo complexos. Por outro lado, a singularidade de encadear tais estados, como se fossem distintos momentos de um mesmo processo, introduz uma variante nas descrições sempre fragmentadas a que nos acostumaram aqueles que se ocupam destas coisas.

1. O primeiro estado, no que prevalece o sem-sentido (aquele que mencionamos no começo) será chamado “vitalidade difusa”. Tudo se orienta pelas necessidades físicas, mas estas são confundidas, frequentemente com desejos e imagens contraditórias. Ali existe obscuridade nos motivos e nas tarefas. Permanece-se nesse estado vegetando, perdido entre formas variáveis. Desde esse ponto se pode evoluir somente por duas vias: a via da morte ou a da mutação.
2. A via da morte te coloca na presença de uma paisagem caótica e obscura. Os antigos conheceram esta passagem e quase sempre a localizaram “abaixo da terra” ou nas profundezas abissais. Alguns também visitaram esse reino para depois “ressuscitar” em níveis luminosos. Entende bem

isto de que “abaixo” da morte existe a vitalidade difusa. Talvez a mente humana relacione a desintegração mortal com fenômenos posteriores de transformação e, também, talvez associe o movimento difuso com o prévio ao nascimento. Se tua direção é de ascensão, a “morte” significa um rompimento com tua etapa anterior. Pela via da morte ascende-se a outro estado.

3. Chegando a ele está o refúgio da regressão. A partir dali, são abertos dois caminhos: o caminho do arrependimento e aquele outro que serviu para a ascensão, ou seja: o caminho da morte. Se você pega o primeiro é porque tua decisão tende a romper com tua vida passada. Se regressas pelo caminho da morte, recais nos abismos com essa sensação de círculo fechado.
4. Ora, eu te disse que havia outro caminho para escapar da vitalidade abismal, esse era o da mutação. Se escolhes essa via é porque queres emergir de teu penoso estado, mas sem estar disposto a abandonar alguns de seus aparentes benefícios. É, pois, um falso caminho conhecido como o da “mão torta”. Muitos monstros saíram das profundezas dessa tortuosa passagem. Eles quiseram tomar os céus por assalto sem abandonar os infernos e, portanto, projetaram em meio mundo infinita contradição.
5. Suponho que, ascendendo desde o reino da morte e por teu consciente arrependimento, já chegaste à morada da tendência. Duas finas cornijas sustentam tua morada: a conservação e a frustração. A

conservação é falsa e instável. Caminhando por ela te ilusionas com a ideia de permanência, mas na realidade descendes velozmente. Se tomas o caminho da frustração, tua subida é penosa, ainda que única-não-falsa.

6. De fracasso em fracasso podes chegar ao próximo descanso que se chama “morada do desvio”. Cuidado com as duas vias que tens de agora em diante: ou tomas o caminho da resolução, que te leva à geração, ou tomas o do ressentimento que te faz descender novamente para a regressão. Ali estás plantado diante do dilema: ou te decides pelo labirinto da vida consciente (e o fazes com resolução), ou regressas ressentido a tua vida anterior. São numerosos os que não tendo alcançado superar-se cortam ali suas possibilidades.
7. Mas, tu que ascendeste com resolução te encontras agora na pousada conhecida como “geração”. Ali tens três portas: uma se chama “Queda”, outra “Tentativa” e a terceira “Degradação”. A Queda te leva diretamente às profundezas e somente um acidente externo poderia empurrar-te para ela. É difícil que escolhas essa porta. Enquanto que aquela da Degradação te leva indiretamente aos abismos, desandando caminhos, em uma espécie de espiral turbulenta, na que reconsideras continuamente todo o perdido e todo o sacrificado. Este exame de consciência que leva à Degradação é, certamente, um falso exame no que subestimas e

desproporcionas algumas coisas que comparas. Tu comparas o esforço da ascensão com aqueles “benefícios” que abandonaste. Mas, se olhas as coisas mais de perto, verás que não abandonaste nada por este motivo, mas por outros. A Degradação começa então falseando os motivos que, ao que parece, foram alheios à ascensão. Agora eu pergunto: O que atraiçoa a mente? Por acaso, os falsos motivos de um entusiasmo inicial? Por acaso, a dificuldade da empresa? Por acaso, a falsa lembrança de sacrifícios que não existiram ou que foram impulsionados por outros motivos? Eu te digo e agora te pergunto: tua casa incendiou-se faz tempo, por isso decidiste pela ascensão. Ou agora pensas que por ascender aquela se incendiou? Por acaso olhaste um pouco o que aconteceu a outras casas nos arredores?... Não há dúvida que deves escolher a porta do meio.

8. Sobe pela escadaria da Tentativa e chegarás a uma cúpula instável. Daí desloca-te por um corredor estreito e sinuoso que conheceras como a “volubilidade”, até chegar a um espaço amplo e vazio (como uma plataforma), que tem como nome: “espaço-aberto-da-energia”.
9. Nesse espaço podes espantar-te com a paisagem deserta e imensa e com o aterrador silêncio dessa noite transfigurada por enormes estrelas imóveis. Ali, exatamente sobre tua cabeça, verás cravada no firmamento a insinuante forma da Lua Negra... Uma estranha lua eclipsada que se opõe exatamente ao

Sol. Ali debes esperar a alvorada, paciente e com fé, pois nada de mal pode ocorrer se te manténs calmo.

10. Nesta situação poderia acontecer que quiseras conseguir uma saída imediata dali. Se isso acontece, poderias às apalpadelas encaminhar-te para qualquer lugar, a fim de não esperar o dia prudentemente. Deves recordar que todo movimento ali (na escuridão) é falso e genericamente é chamado “improvisação”. Se, esquecendo-te do que agora menciono, começasses a improvisar movimentos, tem a certeza que serias arrastado por um turbilhão entre caminhos e moradas até o fundo mais escuro da dissolução.
11. Que difícil é compreender que os estados interiores estão encadeados uns aos outros! Se visses que lógica inflexível tem a consciência, perceberias que na situação descrita, quem improvisa às cegas fatalmente começa a degradar e a degradar-se; surgem depois nele os sentimentos de frustração e vai caindo depois no ressentimento e na morte, sobrevivendo ao esquecimento de tudo o que algum dia chegou a perceber.
12. Se na explanada consegues alcançar o dia, surgirá perante teus olhos o radiante Sol que há de iluminarte pela primeira vez a realidade. Então verás que em todo o existente vive um Plano.

13. É difícil que caias daí, salvo que voluntariamente queiras descer para regiões mais escuras para levar a luz às trevas.

Não é mais necessário desenvolver estes temas, porque sem experiência enganam, transferindo ao campo do imaginário, o realizável. Que sirva o que foi dito até aqui. Se o explicado não te fosse útil, que pudesses negar, já que nada tem fundamento e razão para o ceticismo, próximo à imagem de um espelho, ao som de um eco, à sombra de uma sombra.

XX. A REALIDADE INTERIOR

1. Repara em minhas considerações. Nelas não haverás de intuir senão alegóricos fenômenos e paisagens do mundo externo. Mas, também, nelas há descrições reais do mundo mental.
2. Tampouco deves crer que os “lugares” por onde passas em teu andar, tenham algum tipo de existência independente. Semelhante confusão fez frequentemente escurecer profundos ensinamentos e assim, até hoje alguns creem que céus, infernos, anjos, demônios, monstros, castelos encantados, cidades remotas e demais, têm realidade visível para os “iluminados”. O mesmo preconceito, mas com interpretação inversa, fez presa de céticos sem sabedoria que tomaram essas coisas por simples ilusões ou alucinações padecidas por mentes febris.
3. Então, devo repetir que em tudo isto, deves compreender que se trata de verdadeiros estados mentais, mesmo que simbolizados com objetos próprios do mundo externo.
4. Leva em consideração o que foi dito e aprende a descobrir a verdade por trás das alegorias que por vezes desviam a mente, mas que em outras traduzem realidades impossíveis de captar sem representação.

–Quando se falou das cidades dos deuses aonde quiseram chegar numerosos heróis de distintos povos; quando se falou de paraísos em que deuses e homens conviviam em original natureza transfigurada; quando se falou de quedas e dilúvios, foi dita uma grande verdade interior.

Depois os redentores trouxeram suas mensagens e chegaram a nós em dupla natureza, para restabelecer aquela nostálgica unidade perdida. Então, também, foi dita a grande verdade interior.

Entretanto, quando foi dito tudo aquilo colocando-o fora da mente, errou-se ou mentiu-se

Inversamente, o mundo externo confundido com o olhar interior obriga a este percorrer novos caminhos.

Voa para fora de seu mundo e, sem sabê-lo, vai impulsionado até o centro interno e luminoso.

NOTAS

O Olhar Interior está dividido em vinte capítulos e cada um deles em fragmentos. Pode-se agrupar os grandes motivos do livro da seguinte maneira:

- A. Os dois primeiros capítulos são introdutórios e apresentam a intenção daquele que explica, a atitude daquele que atende e a forma de levar adiante esta relação.
- B. A partir do capítulo III e até o capítulo XIII são desenvolvidos os tópicos mais gerais, explicando-os em dez “dias” de reflexão.
- C. O capítulo XIII marca uma mudança. Da exposição geral, passa-se a considerar condutas e atitudes diante da vida.
- D. Os seguintes capítulos consideram o trabalho interior. A ordem dos temas é a seguinte:
 - I. A MEDITAÇÃO - Objetivo do Livro: conversão do sem-sentido em sentido.
 - II. DISPOSIÇÃO PARA COMPREENDER - Posição mental que se pede para entender os temas.
 - III. O SEM-SENTIDO - O sentido da vida e da morte.
 - IV. A DEPENDÊNCIA - A ação do meio sobre o ser humano.

- V. SUSPEITA DO SENTIDO - Alguns fenômenos mentais não habituais.
- VI. SONO E DESPERTAR - Diferenças entre níveis de consciência e percepção da realidade (sono, semissono, vigília com sonho e vigília plena). Sentidos externos, internos e memória.
- VII. PRESENÇA DA FORÇA - Ascensão da compressão em vigília. Energia ou força, que se radica e translada no corpo.
- VIII. CONTROLE DA FORÇA - Profundidade e superficialidade da energia, relacionada aos níveis de consciência.
- IX. MANIFESTAÇÕES DA ENERGIA - Controle e descontrole da energia.
- X. EVIDÊNCIA DO SENTIDO - Contradição interna, unidade e continuidade.
- XI. O CENTRO LUMINOSO - A energia, ligada à alegorização interna do “centro luminoso”. Os fenômenos de integração interior “ascendem em direção à luz”. A dissolução interior se registra como “afastamento da luz”.
- XII. OS DESCOBRIMENTOS - Circulação da energia. Níveis. Natureza da força

representada como “luz”. Os exemplos dos povos em relação a estes temas.

- XIII. OS PRINCÍPIOS - Os Princípios como referência de unidade interior.
- XIV. A GUIA DO CAMINHO INTERIOR - Representação dos fenômenos que acompanham as direções de “descida” e “subida”.
- XV. A EXPERIÊNCIA DE PAZ E A PASSAGEM DA FORÇA - Procedimentos.
- XVI. PROJEÇÃO DA FORÇA - Sentido da “projeção”.
- XVII. PERDA E REPRESSÃO DA FORÇA - Descargas energéticas. O sexo como centro produtor de energia.
- XVIII. AÇÃO E REAÇÃO DA FORÇA - A associação das representações a cargas emotivas. A evocação da imagem ligada a estados emotivos suscita (devolve) novamente os estados emotivos associados. O “agradecimento”, como técnica de associação de imagens a estados emotivos utilizáveis na vida cotidiana.

- XIX. OS ESTADOS INTERIORES - Situações mentais em que se pode encontrar quem está interessado no trabalho interior.
- XX. A REALIDADE INTERIOR - Os processos mentais ligados a representações alegóricas do mundo externo.

A Mensagem

Comentários de Silo

Centro de Trabalho

Parques de Estudo e Reflexão, *Punta de Vacas*,

abril de 2008

(Terceira transmissão; silo.net)

Hoje vamos nos dirigir especialmente aos mensageiros que estão reunidos em distintos parques do mundo. Nossos comentários deverão se referir às **características mais gerais de A Mensagem**.

Antecedentes de A Mensagem

Começaremos por considerar os antecedentes de A Mensagem que se encontram em dois materiais produzidos em 1969. O primeiro é um escrito conhecido como *O Olhar Interior* que começou a ser escrito neste lugar de *Punta de Vacas* em 1969 e que foi editado pela primeira vez em 1972. O segundo antecedente é um discurso, uma alocução, conhecida como *A Arenga da Cura do Sofrimento* e que foi dada em 4 de maio de 1969 neste mesmo lugar.

Estes materiais continuaram a ser difundidos em distintos formatos e a eles foram acrescentados desenvolvimentos que foram editados como títulos e livros separados e que, finalmente, terminaram por formar os volumes das *Obras completas* do autor. Acredito ser acertado dizer que toda obra produzida não deixa de ser um conjunto de adaptações e desenvolvimentos temáticos dos dois antecedentes citados. Assim é que se bem a obra possa ser desdobrada em distintos gêneros literários, psicológicos, sociais e outros, o núcleo das diferentes elaborações se reduz aos dois antecedentes mencionados. Deste modo, os distintos escritos e as distintas intervenções públicas não são senão extensões, desenvolvimentos e explicações das produções básicas que mencionamos anteriormente.

Faz pouco tempo apareceu a Mensagem concebida pela primeira vez em um volume publicado em julho de 2002 sob o título de *A Mensagem de Silo*. Três partes dividem internamente estes escritos: O Livro, A Experiência e O Caminho.

“O Livro” não é senão *O Olhar Interior*. “A Experiência” é a parte prática de *A Mensagem* concebida através de oito cerimônias. Finalmente, “O Caminho” é um conjunto de reflexões e sugestões.

Aqui poderiam terminar as considerações em relação à Mensagem e seus antecedentes. Entretanto, gostaria de me prolongar brevemente

sobre alguns tópicos que se observando de *A Arenga da Cura do Sofrimento* serviram de referência e permitiram o desenvolvimento de temas individuais e socialmente importantes, como os referidos à distinção entre a dor e o sofrimento.

O antecedente de A Arenga A Cura do Sofrimento

Na arenga, o conhecimento mais importante para a vida se refere à compreensão do sofrimento e superação do mesmo sofrimento. O importante é distinguir entre a dor física e o sofrimento mental. Sofre-se por três vias: da percepção, da lembrança e da imaginação.

O sofrimento delata o estado de violência, violência que está conectada ao medo. Medo de perder o que se tem, do que se perdeu e do que se desespera alcançar. Sofre-se porque não se tem ou porque se tem medo em geral, medo da doença, da pobreza, da solidão e da morte.

A violência tem como raiz o desejo. O desejo aparece em distintos graus e formas que vão desde a ambição mais desmedida até as aspirações mais simples e legítimas.

Atendendo a este ponto, pela meditação interna, o ser humano pode reorientar sua vida.

O desejo motiva a violência que não fica no interior das pessoas, mas que contamina o meio de relação.

Também se observam aqui as distintas formas de violência e não somente a primária, que é a violência física. Certamente, estão também, a forma de violência econômica, racial, religiosa, sexual, psicológica, moral e outras mais ou menos encobertas ou dissimuladas..., e outras mais ou menos encobertas ou dissimuladas. [*Fragmento de A Arenga da Cura do Sofrimento: «A violência no homem [...] Não há falsas saídas para acabar com a violência no mundo.»*]

Nesta arenga é destacada a necessidade de contar com um comportamento simples que oriente a vida. E também se diz que a ciência e a justiça são necessárias para vencer a dor, mas a superação dos desejos primitivos é necessária para vencer o sofrimento mental.

São muitos os elementos que passam desta arenga a distintos livros tais como: *Humanizar a Terra*, *Cartas a meus amigos*, *Dicionário do Humanismo* e *Fala Silo*, e também a exposições como: “A Ação Válida”, “O sentido da vida”, “Humanismo e novo mundo”, “A crise da civilização e o humanismo”, “O que entendemos hoje por humanismo universalista?”, etc.

O antecedente do livro *O Olhar Interior*

O outro antecedente, *O Olhar Interior*, trata sobre o sentido da vida. O tópico principal sobre o qual discorre é o estado psicológico de contradição. Ali se esclarece que o registro que se tem da contradição é o sofrimento e que a superação do sofrimento mental é possível na medida em que se oriente a própria vida para ações não contraditórias em geral, e em particular, para ações não contraditórias em relação a outras pessoas.

Este livro contém o germen da espiritualidade social e pessoal e de uma psicologia e antropologia muito amplas, que vão desde os livros *Psicologia da imagem* e *Apontamentos de psicologia até Mitos raízes universais*.

Também aparece em intervenções públicas como “Acerca do humano”, “A religiosidade no mundo atual” e “O tema de Deus”. Ali são produzidos novos desenvolvimentos e aplicações de *O Olhar Interior*.

É claro que os antecedentes que estamos mencionando em relação à *Mensagem de Silo* se misturam e imbricam mutuamente, principalmente na segunda e terceira parte, porque no que se refere à primeira é *O Olhar Interior* a que se transcreve diretamente.

Em obras literárias como *As experiências guiadas* ou em contos, aparecem estas transcrições, estas traduções: há relatos e ficções, ou ainda, em “O sonho e a ação” ou “O Bosque de Bormazo”, é possível ver o forte conteúdo de uma psicologia que já se manifestava nos antecedentes que vimos mencionados desde o começo. Para terminar com estes breves comentários gostaria de ressaltar que A Mensagem é expressão de uma espiritualidade pessoal, mas também social, que vai confirmando sua verdade de experiência à medida que passa o tempo e se manifesta em distintas culturas, nacionalidades, estratos sociais e geracionais.

Uma verdade deste tipo não precisa de dogmas nem de formas organizativas fixas para seu funcionamento e desenvolvimento. Por isso, os mensageiros, ou seja, aqueles que sentem e levam a outros a Mensagem, sempre destacam a necessidade de não aceitar coações sobre a liberdade de ideias e crenças, e de tratar todo ser humano do mesmo modo que deseja ser tratado. Este autovalor nas relações interpessoais e sociais faz, ao mesmo tempo, que os mensageiros trabalhem contra toda forma de discriminação, desigualdades e injustiças.

Silo

Sobre o autor

Mario Luis Rodríguez Cobos, também conhecido com o pseudônimo Silo, nasceu em 06 de janeiro de 1938 em Mendoza, Argentina. Escritor e pensador, é autor de vários livros. Fundador da corrente de pensamento "O Humanismo Universalista" ou "Novo Humanismo". Propõe a metodologia da "Não Violência" como única alternativa para sair da crise mundial humana. Também propõe, simultaneamente, o desenvolvimento pessoal e social. Na Mensagem de Silo, ele convida à livre interpretação de suas ideias e a à livre organização. Entre suas principais propostas estão a superação da dor física e o sofrimento mental. Silo faleceu em 16 de setembro de 2010 na sua casa em Chacras de Coria, seu povoado natal de Mendoza.

Outras obras do autor:

www.silo.net